

Cidadania e Ambiente no Pensamento de Agostinho da Silva

(de Interesse Público por despacho de 27.12.2004 do Sr. Vice-presidente do Governo Regional, em representação de Sua Excelência o Presidente Regional dos Açores)

A obra inteira de Agostinho da Silva pode ser classificada com base na oposição estabelecida entre aquilo que poderíamos chamar de «civilização ou a cidade dos homens» e «cultura ou a cidade de Deus».

Na cidade dos homens, protótipo civilizacional, predomina a ciência, baseada na razão epistemológica, com raiz grega, último resultado da filosofia e motivo para a economia capitalista, através da técnica, mundividência burguesa.

Na cidade de Deus, protótipo cultural, predomina a religião, com raiz cristã, no caso ocidental, onde a afectividade e o saber do coração são o motivo da confiança cósmica, que leva à doação de si até ao sacrifício.

Há um entusiasmado contraste estabelecido entre as sociedades civilizadas, ou decadentes, e as comunidades cultas ou saudáveis; de notar que usei diferentemente dois conceitos que é costume tomar por sinónimos: *sociedade* e *comunidade*. As consequências sócio-políticas serão de monta.

A forte defesa, por vezes ingénua, do “bom selvagem”<sup>1</sup>, em contraponto com o mundo contemporâneo ocidental, nunca atinge, porém, o ponto de cegar o autor no que respeita à esperança depositada na revolução tecnológica que, no seu entender, funcionará como uma espécie de redenção da queda em que se encontra a Humanidade, espécie de círculo que se fecha e rosto que se encontra depois de se ter perdido.

Não se trata tanto de um processo histórico único, com uma única queda e uma redenção única, num avanço cronológico irrepreensível – outrossim de algo parecido com um pêndulo ondulatório, observando-se já no passado diversas épocas de referência, bem como exemplos vários a deplorar: pureza das sociedades ditas primitivas/deca-dência grega, purificação medieval/regressão renascentista e protestante, etc.

Portanto, o ideal da Ilha dos Amores, ou Quinto Império, era do Espírito Santo, não revela uma crença utópica no futuro, que o futuro não trará nada de superior àquilo que já conhecemos antes.

O que há é uma forte esperança de sair da decadência actual, relacionada com a abstracção racional, mãe do materialismo; e esta passa por uma fuga para a frente, aproveitando o que de melhor a civilização ocidental trouxe, a saber, a libertação do trabalho com base na tecnologia de ponta, que permitirá a contemplação, atitude específica ao humano.

Mas, no fundo, aquilo que se pretende para amanhã já foi experimentado ontem, com outras variações. A apologia da técnica não se baseia num fascínio provinciano pela cidade da ficção científica mas na convicção rigorosa de que, em face do grande aumento da densidade populacional, não poderemos encontrar a paz dos mosteiros medievais a não ser através da alta tecnologia, ficando também deste modo redimido o divórcio protestante, pecado responsável pelo capitalismo.

A cultura perfeita é identificada com «uma base moral inultrapassável»<sup>2</sup>, que não é fruto de uma razão teórica, antes de uma liberdade prática que é prévia a toda a filosofia e a toda a ciência.

<sup>1</sup> TP II, “Educação em Portugal”, 89-151, 92: «Acreditando, pois, que o homem nasce bom, o que significa para mim que nasce irmão do mundo, não seu dono e destruidor [...]».

<sup>2</sup> TEF I, “Glossas”, pp.31-66, p.42: «[...] o professor deve sempre aparecer ao seu discípulo como uma pessoa de cultura perfeita; por cultura perfeita entenderemos tudo o que pode contribuir para lhe dar uma base moral inabalável, sem subserviências nem compromissos». As passagens a este respeito são imensas; a de “Só Ajustamentos” (TEF II, 93-144, 105/106), especifica bem que moral é esta e desenha o itinerário cultural

O ponto de partida de Agostinho da Silva não é grego, isto é, não respeita a um *apeiron* indeterminado, fundamento único dos seres que a dialéctica e a lógica ensinam compostos de existência accidental e essência inteligível mas, no entanto, precívél, logo sem sentido, logo passível de violência.

A sua intuição é cristã e teológica e parte da íntima e afectiva certeza da fraternidade amorosa de todas as criaturas, lançadas no aberto infinito do futuro, sempre mais perfeito com a beleza concreta de que cada ser insubstituível e, por isso, razão de cuidados.

À necessidade grega – a *moira* – Agostinho da Silva contrapõe a liberdade cristã; o «struggle for life» choca, nele, com a profunda lei retórica de persuadir e encantar, movimento que é a marca do Criador e que atinge o seu cume no sacrifício do santo, o homem mais culto de todos.

Daqui se pode concluir, desde já, que a cultura perfeita corre sérios riscos nas mãos do conhecimento abstracto, ou seja, da sabedoria dos sábios paulina, oposta à loucura ou insensatez, muito mais profundamente enraizada no humano, que o move à vontade poética, da qual filosofia e ciência são meras manifestações.

Os momentos decadentes de uma cultura estão sempre relacionados com a pretensão de colocar a razão humana como alicerce preliminar de toda a acção, recusando a essência sentimental infinita realmente anterior.

Agostinho da Silva não se encolhe diante dos termos: esta essência infinita é metafísica e religiosa e é convocada ao ideal evangélico do «Olhai os lírios do campo». Não haja dúvidas sobre este eixo fundamental a todo o seu pensamento, que não deve ser nunca omitido: o âmago do ser humano não é racional<sup>3</sup> – e nem sequer é noético; é pneumatológico.

*Ab initio* estamos acompanhados com a Transcendência, com a qual somos aparentados, daí que todo o humanismo lhe pareça tanto mais pecaminoso quanto redutor da supremacia da

---

saudável: «Toda a técnica persiste em ser racional, como é de sua origem, e em desprezar todo o elemento que não seja de origem puramente racional, tomando-se aqui naturalmente razão no sentido em que a toma o técnico, e não daquele de força de criação ou fantasia essencial que nos parece ser o verdadeiro. Um exército de técnicos cuja força basilar não o seja de carácter religioso, incluindo aqui o metafísico, o moral e o estético, será uma espécie de disciplinada força de formigas ocupada em trazer através do melhor carreiro o melhor abastecimento para o melhor formigueiro do mundo. Verá tudo sob o aspecto da utilidade, do rendimento, da eficiência e da economia. De início, toda essa força de exagero num determinado sentido só poderá ser benéfica, porque irá corrigir todos os desastrosos efeitos da improvisação, da falta técnica, que também existe, ou da obediência em campo técnico a motivos que não são de jeito nenhum de carácter técnico. Mas logo em seguida o efeito de esterilização será de tal ordem que de novo nos veremos a braços com toda aquela série de problemas que vêm de se ter cortado da vida o essencial elemento de insensatez, de segurança e de loucura sem o qual nada vai existir; e com um problema ainda mais grave, este sob o ponto de vista da própria técnica: efectivamente não há técnica alguma que não repouse sobre um descobrimento puramente científico, isto é, de natureza fantasista, imprevisível, poética. Cortar esse elemento da vida é condenar-se de antemão ao estagnamento técnico». Na p.120 a metáfora é «uma bem organizada colmeia de abelhas». Em D, 33, é-se mais violento ainda, falando da escravatura actual e, em 711, vê-se perfeitamente que não confunde progresso técnico com progresso moral. A passagem de TEF II, “Bárbaros À Solta”, 66/67 não pode ser cortada, nem evitada: «Os progressos técnicos, que toda a gente está confundindo cada vez mais com progresso humano, vão criar cada vez mais também um suplemento de ócio que, excelente em si próprio, porque nos aproxima exactamente daquele contemplar dos lírios e das aves que deve ser nosso ideal, vai criar, olhado à nossa escala, uma força de ataque e de triunfo: mais gente vai ter cada vez mais tempo para ouvir rádio para ir ao cinema, para frequentar museus, para ler revistas ou para discutir política, e sem que preparo algum lhe possa ter sido dado para utilizar tais meios de cultura: a consequência vai ser a de que a qualidade do que for fornecido vai descer cada vez mais e o de que tudo o que não for compreendido será destruído; raros novos beneditinos salvarão da pilhagem geral a sempre reduzida antologia que em tais coisas é possível salvar-se». O resto da secção merece que a leitura continue. Em TEF I, “Diário de Alcestes”, 207-230, ‘Construção’, 229/230, 230, a inteligência é identificada com a perfeição moral: «[...]mas a inteligência que se confunde com a perfeição moral, a inteligência que anima o sábio da escultura da verdade, o poeta da criação na beleza e o santo no amor do bem [...]».

<sup>3</sup> TEF II, “Pensamento em Farmácia de Província”, 310: «[...] já que matemática é apenas uma parte do pensar e talvez o sonhar lhe seja muito maior».

vida em favor da diminuta repartição da racionalidade, então arvorada arrogantemente em diferença específica.

Portanto, de imediato se excede também o âmbito da cultura identificada com a estética avançando-se, progressivamente, como se verá, na direcção sócio-política, entendida sempre a partir da santidade, isto é: do sacrifício da individualidade em função do bem comum, da cedência da vontade própria à Providência, num tipo de «Conhece-te a ti mesmo» que em vez de se ficar pelo *cogito* avança até à *agapê*, saber do coração, não parando mais do que o necessário na *technê*.

É neste sentido que fala da *cultura dos três* –SS, sendo o primeiro de *Sustento*, o segundo de *Saúde* e o terceiro de *Saber*, mais próximo da sabedoria (*sophia*) do que da filosofia (*episteme*), abominando toda e qualquer tentativa de legitimar uma pressuposta genialidade apenas de alguns. *Culto* nunca deixa de ser *cultus*, para o filólogo Agostinho da Silva: relação com os outros seres humanos, com o Universo criado e com Deus.

Quando Agostinho da Silva foi director dos Serviços Culturais de Santa Catarina não deu subsídios aos artistas, por achar mais adequado proteger as costureiras<sup>4</sup>. A cultura dos três –SS enuncia uma escala de progressão cultural, que começa pelo exercício económico indispensável para esquecer o corpo (Sustento e Saúde); avançando para um douto e contemplativo esvaziamento da cabeça (Saber/Sabedoria); que visa a escuta da deusa da Ilha dos Amores, que é uma metáfora do Deus providencial cristão (Êxtase)<sup>5</sup>.

A civilização é entendida como um afastamento do mundo natural e transcendente, antropocentrismo com graves consequências sociais, económicas e políticas. Etimologicamente falando, a civilização tranca o ser humano na cidade, recusando-o ao convívio com as outras criaturas e com o Criador.

Tal acontece fatidicamente sempre que o homem se coloca como sujeito epistemológico, em vez de se reconhecer como agente participativo da fulguração existencial. É a tentação do Demónio, no Paraíso, na árvore que tem o nome que tem.

Entre as diversas vantagens das culturas primevas sobre a civilização ocidental<sup>6</sup> contam-se: um melhor relacionamento com os animais e as plantas<sup>7</sup>; um conhecimento do mundo que nos rodeia superior a toda a ciência do Universo<sup>8</sup>; os mitos daqueles povos têm mais força

<sup>4</sup> CV1... D, “Entrevista com Agostinho da Silva”, 45-80, 62: «É esta a minha noção de cultura: tornar melhor a vida das pessoas. Começar pela alimentação, pelo vestuário, pela saúde, pelo ensino. Vejo que o novo governo suprime o Ministério da Cultura, quando, repito-o a toda a gente, deveria ser esse Ministério a tomar a direcção do governo, em Portugal ou em qualquer outro país, coordenando os demais. Uma das desgraças de Portugal é que foi sempre governado pelo vedor da Fazenda, quando este deveria ser o simples caixa de uma empresa a dirigir pelo Ministério da Cultura».

<sup>5</sup> CV2....

<sup>6</sup> TEF II, “Livre Sopro do Vento”, 223/224, 224: «Está sucedendo com os ciganos o que já hoje os melhores, quer mateiros de posto indígena, e lembro-me do Vilas Boas, quer antropólogos, e lembro-me de um Eduardo Galvão, quer os religiosos, e lembro-me, só para exemplo, das humildes e firmes freirinhas de Foucauld, repelem quando se trata dos indígenas brasileiros; já puseram eles completamente de parte a ideia de que o branco é mais adiantado do que o vermelho e já abandonaram todas as atitudes com que dantes se chegava ao índio para o ensinar, como de superior a inferior; considerando-lhe a vida como de selvagem, o saber como de primitivo, a religião como um tecido de superstições; reconhece-se hoje que trata mulheres e crianças muito melhor do que nós, que tem com os animais e as plantas relações mais perfeitas do que as nossas, que o seu conhecimento do mundo à volta é mais seguro do que aquele que nós temos, pela informação fabricada sob medida, do que não se passa no resto do Universo, que os seus mitos têm mais metafísica do que todas as nossas filosofias, as quais, no fundo, e exceptuo Espinosa, nada mais querem do que edificar políticas, em lugar de simplesmente permitir que a vida venha e seja». Em *Ibidem*, “As Aproximações”, 33, deixara-se claro «que os vícios da civilização não são defeitos da natureza humana», retirando qualquer possibilidade à leitura darwinica ou outra, de igual valia fatalista.

<sup>7</sup> A nossa tendência contemporânea é para ver, em linhas desta natureza, uma sensibilidade ecológica, o que não está errado (cf. *Ibidem*, “Não ainda o Bastante”, 227/228); mas só se radicalizarmos mais esta leitura, até encontrarmos nela o franciscanismo permanente em Agostinho da Silva.

<sup>8</sup> Não deixar escapar, já aqui, uma distinção entre aquilo que já se pode denominar de sabedoria/ciência, onde a primeira revela um saber de experiências feito, ao qual se soma a noção de pertença e afecto, enquanto que a

metafísica do que as nossas filosofias<sup>9</sup>; e, por fim, tratam as mulheres e as crianças muito melhor do que nós<sup>10</sup>.

No geral, a pessoa culta mantém esta ligação à Transcendência, que não é conhecimento mas confiança intuitiva no acto criativo original gratuito e amoroso, que permanece activo na fraternidade e na Providência, destino do Mundo que escapa às determinações científicas da História.

Este dizer SIM ao Mundo e à sua orientação para o futuro conduz à preocupação com o bem comum, na medida em que o Outro não é nem um adversário nem uma ameaça mas um irmão pelo qual sou responsável, uma prega original na fulgurância do Ser.

O sentimento de tragédia, constituinte da natureza clássica, é substituído pelo Domingo de Aleluia em que toda a Sexta-feira Santa termina. Alegre e solidário, desapego-me livremente dos bens, abominando toda a riqueza.

O pano de fundo de todo este pensamento está completamente eivado da inspiração de São Francisco de Assis e de Joaquim de Fiore, ambos paixões explícitas do bom português que nos ocupa nestes dias.

Quem está mais perto e quem está mais longe do Reino? Não é quem vai à frente no desenvolvimento tecnológico porque este ir à frente tem significado, até à data, uma verdadeira descrença progressiva, verdadeira redução do humano até ao nível da mecanização, a partir duma exagerada musculação helénica, passe a expressão.

Quem vai à frente é quem não abdica de escutar a voz da deusa ou, como dizia Sócrates, o *daimon*; quem não abdica – mesmo e fundamentalmente contra as exigências de uma razão que fechou todas as portas que não sejam claras e distintas, demonstráveis à maneira dos géometras – quem não abdica da vontade livre e do élan amoroso; da piedade<sup>11</sup>.

Não admira que os períodos negativos da nossa história ocidental sejam o clássico (mais o mundo grego do que o mundo romano, que este ao menos foi pragmático), o Renascimento que, influenciado pela Grécia da *moira*, desconhecadora do perdão, é trágico e melancólico<sup>12</sup> – e, ainda mais do que todos, apontado a dedo com alguma violência incontrolada, o protestantismo, raiz de todos os males actuais, desde o capitalismo ao comunismo<sup>13</sup>,

segunda é abstracta e fria, relação epistemológica sem pertença mútua. Estamos, de novo, com o binómio pascaliano *esprit de finesse*/espírito geométrico-matemático.

<sup>9</sup> Vale a pena chamar a atenção para a urgência prática permanente na reflexão de Agostinho da Silva. A seguir veremos que o valor da filosofia, ou a sua recusa, passa pela sua capacidade, ou não, de intervenção na via que se faz.

<sup>10</sup> Não se poderá jamais falar de cultura enquanto houver opressores e oprimidos. Agostinho da Silva é deveras sensível à condição infantil, mais até do que à feminina, escandalizando-se com o modo como a escola perverte a natureza do “bom selvagem”, orientando-o para aquilo que chama ser civilizado. Cf. TP II, “Educação de Portugal”, 89-151, 108

<sup>11</sup> TEF II, “As Aproximações”, ‘País Modelo’, 74: «Além de tudo, que direito tem o dinamarquês de ser materialmente feliz quando outros o não são? Que direito tem ele de ser, entre os países, o opulento quando os outros são miseráveis? Em que lhe tem servido o bem-estar para tornar menos incómodo o mal-estar dos outros? O que o dinamarquês construiu ele o construiu para si; de alguma forma, vive dos seus rendimentos; aposentou-se, e quem se aposenta beira a morte; temendo-a: daí o suicídio».

<sup>12</sup> *Ibidem*, “Imperfeição do Renascimento”, 58: «Mas chegamos aqui a um outro ponto que merece consideração. No meio de todo o esplendor de descoberta que tanto surge através das cores venezianas, como de pranchas de anatomia, como de geometrias de perspectiva, como do encontro ou invenção de mundos novos, o que brilha na realidade é o tal sol negro da melancolia; um certo Dürer é resumo de certo e fundamental aspecto da época. O resignado pender das cabeças nas estelas gregas, aquele travado fio de estóico ou epicúreo desânimo que perpassa nos poetas latinos, o desespero que os goliardos afogam no vinho de seus carmes ou com Deus jogam aos dados, nada são quando se comparam com a tristeza dos homens do Renascimento, com a angústia das batalhas que neles se travaram e com aquele desejar da morte que tão nítido contrasta com a medieval contemplação da morte. Os quebrados homens poderosos penam; e, penando o nada, porque o céu está longe e nem talvez exista, o nada os embala e solicita».

<sup>13</sup> *Ibidem*, ‘Riscos Heredoxos’, 17-92, 70: «Pode-se objectar que o calar-se o génio pode trazer para a Humanidade consequências graves, no que respeita a atraso; e nunca se deixa de citar a este propósito a diferença de nível cultural entre os países que acompanham Lutero e os que ficaram católicos; o que, em ponto

contrastados com a cultura portuguesa no seu esplendor, é dizer a grande fé deposta na vitória futura do modo de ser brasileiro.

O Renascimento recusou a excelência humana manifesta no ideal monástico e voltou-se para trás, como a mulher de Lot, trocando o pico elevadíssimo do franciscanismo por uma recaída antropocêntrica e, pior, egoísta, individualista e estética.

Quanto ao protestantismo, tudo começa pela própria designação, que logo expressa um desacordo, quando a presença de Deus anula a multiplicação das igrejas, e vice-versa. O grande mal do protestantismo será, no entanto, a perversa interpretação económica<sup>14</sup>.

Quando Agostinho da Silva refere Portugal como a nação predestinada ao Quinto Império não está a ser esotérico, como pode parecer à primeira vista. A Ilha dos Amores é mais uma metonímia.

Por circunstâncias históricas, somos o oposto da Grécia epistemológica, aqui acontece o crepúsculo católico, abertura a todos os povos, que nenhum será chamado de bárbaro no Reino de Deus<sup>15</sup>.

Escapando ao Protestantismo e, antes, a Maquiavel, somos, no reinado de D. Dinis, mais uma das amostras perfeitas da possibilidade do Reino aqui e agora; e partimos para o mar e o nome de Portugal não está de saúde quando é identificado com o rectângulo territorial europeu.

que mais nos importa, reveste a forma de que são os Estados Unidos mais adiantados do que o Brasil, por exemplo, porque foram os primeiros colonizados por protestantes ao passo que para o segundo se dirigiram católicos. Mas, na realidade, em que é a América do Norte mais adiantada do que o Brasil? Em ter conflitos raciais? Em ter um alto nível de delinquência juvenil? Em ter achado que o *happy end* faz parte da vida da terra? Em realizar tómbolas às portas dos templos para atrair fiéis? Em não perceber que o capitalismo é um sistema inteiramente ultrapassado e condenado? Em, finalmente, toda se esforçando no sentido da eficiência técnica, acabar demonstrando que não possui em coisa alguma superioridade de eficiência técnica?». Antes, em “Teocracia”, pp. 28-31, na p.29, fizera-se o mesmo tipo de juízo sobre a presença holandesa no Brasil: «[...] como igualmente se não trata de ver por que razão, no fundo de tudo, o holandês civilizado, digamos assim, não deixa coisa alguma no Brasil, a não ser às vezes seu olho azeitonado no Nordeste, e o tal português predador lança seus fundamentos do que será muito possivelmente a base futura de um renascimento católico». Observações do mesmo quilate abundam acerca do aplaudido desenvolvimento material dos países da Escandinávia, que pouco se interessam pela condição da América Latina: «O saldo dos pequenos países é o de falência humana, excepto no que diz respeito à organização material da vida, e exactamente porque o objectivo foi o de ser feliz, e, apesar das cooperativas, egoistamente feliz: o seguro social eximiu o dinamarquês da dádiva, e da mais preciosa das dádivas, a de si próprio; nem o dinamarquês como indivíduo nem a Dinamarca como um todo estariam, creio eu, disposto a sacrificar-se pelo Paraguai ou a Birmânia: e acho que nas igrejas escandinavas ninguém rezará para que lhe sejam transferidos para os ombros os fardos dos outros homens no mundo» (*Ibidem*, “Cruz, Política e Dinheiro”, 45). Há uma passagem, em D, “Conversas Inacabadas” 31-44, 35/36, que especifica na perfeição o que entende por catolicismo, que é miscigenação de culturas avessa à imposição duma suposta civilização sobre uma suposta barbárie: «Nos primeiros 50 anos da ocupação do Brasil não se deu nenhuma cristianização do tupi, deu-se o contrário: a tupinização do cristão. Todos aqueles brasileiros assim que aportavam no Brasil esqueciam o Minho, Trás-os-Montes e a Beira Litoral e entravam na tribo... e comportavam-se como índios... todas essas representações artísticas de bandeirantes de bota alta, isso nunca houve! Houve, ao desembarcar... Além do mais, não havia sapateiros que lhes consertassem as botas depois de uns tempos de mato... Tiveram que aprender várias coisas: a descalçarem-se, a dormirem em rede, por exemplo. Não é prático andar com uma cama às costas pelo mato... e essas pessoas deram origem a uma gente que não era nem brasileira, nem índia, nem portuguesa: os mamelucos, que foram a grande base das bandeiras que deram a conhecer todo o interior do Brasil. A tupinização dos cristãos é um ponto que os historiadores ocultam com bastante cuidado, porque há toda uma missão portuguesa de andar salvando almas pelo mundo... e ali, provavelmente, os portugueses salvaram as suas almas ao contrário do que se esperava: não convertendo índios, mas convertendo-se eles à indianidade...».

<sup>14</sup> TEF II, “Aproximações”, ‘Riscos Heterodoxos’, 67-71, 70: «Além de tudo, os frutos que o protestantismo deu de si, quebrando a unidade do cristianismo, impedindo que mais cedo tivesse o catolicismo, como lhe compete, abraçado o mundo inteiro, e produzindo o capitalismo, o comunismo na sua forma actual, a ciência sem moral e uma técnica que, louca, se enamorou de si própria, esses frutos de tal maneira pesaram mais no negativo do que no positivo da Humanidade que muito século vai decorrer antes que, após o desastre de civilização que possivelmente nos espera, possa um catolicismo renovado trazer outra vez ao mundo a sua mensagem de fé, de esperança e de caridade como meios de verdadeira criação».

<sup>15</sup> D, “Entrevista do Prof. Agostinho da Silva ao ICALP”, 115.



São as ilhas, o Brasil, Macau, Japão, Índia... o mundo português por inteiro e, mais do que esta federação ibérica de expressão portuguesa (à qual chamamos hoje PALOPs) todos aqueles que estiverem interessados em participar desta utopia transformadora do mundo.

Ser Português não é, pois, nada de racial ou de outra natureza terrestre: é um estado de espírito<sup>16</sup>. É uma cultura, a cultura católica, no seu melhor, tal como o “espírito europeu” não significa apenas o da Europa continente, dado que o Japão industrializado é a Europa no Oriente, o pior da Europa no Oriente<sup>17</sup>.

Portugal ligou os mundos, transformou a visão da Terra, renovou os sangues, levou o direito romano; Portugal não é Europa e deve, juntamente com a Espanha, evangelizar de novo a Europa.

Ser português é preferir a prática à teoria, a perspectiva múltipla à redução à unidade sistemática, preferir a intuição à lógica, o ecumenismo a uma religião clubista, ser da paz, ser imprevisível, educar, isto é, evangelizar<sup>18</sup>.

Deve-se, pois, combater todo o iluminismo estrangeirado<sup>19</sup>. «Portugal tem de ser pedra de escândalo neste mundo de hoje que tão disposto parece a aceitar a situação como fatal»<sup>20</sup>.

Clarifico este “escândalo”. A Ilha dos Amores, ou concretização do Reino, instauração da cidade de Deus, anuncia um tipo de comunidade cujo modelo mais próximo é o das primitivas aldeias tribais e o dos conventos ou mosteiros, onde os seres humanos respeitam os destinos para os quais nasceram.

Não se chamam sociedades porque a metrópole contemporânea é excessivamente grande, massificada, onde a pessoa com nome próprio e experiência de vida única é reduzida a um indivíduo numérico abstracto, como nas sociedades das formigas e das abelhas, etc.

<sup>16</sup> TEF II: “As Aproximações”, ‘Teocracia’, 29; “Pensamento à Solta”, 151: «Portugal descobriu, quase sempre por fora, o Oriente, a África, a América Latina e o de fora trouxe à Europa; precisa agora de os descobrir por dentro e de a eles, neles se dissolvendo, levar a Europa.» TP II, “Educação de Portugal”, 126: «Portugal, o grande, o todo, o de amarelos, brancos, pretos e vermelhos, o de islamitas, cristãos, judeus, animistas, budistas, taoistas, o da América, Europa, Ásia, África, Oceânia, o dos municípios, tribos e aldeias, o de monarquias e repúblicas, o dos grandes espaços conhecidos e o do espaços ignotos ainda, dentro e fora do homem, o Portugal núcleo de formação de uma União Internacional dos Povos para o desenvolvimento, a liberdade e a paz».

<sup>17</sup> CV3

<sup>18</sup> TP II, “Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito”, 80/81: «[...]ao passo que os outros povos, os Alemães, ou os Franceses ou os Gregos anteriormente se preocuparam em criar filosofia, isto é, se preocuparam em criar sistemas que de certa maneira eram menos ricos do que a vida, procuravam criar pensamentos de tal maneira organizados que lhes permitiam manipular o mundo sempre coerentemente, embora esse sistema não correspondesse à realidade total. O povo português, como o povo brasileiro, naquilo em que ele aparece com seu procedimento amplo, livre da elite e das escolas em que andou a elite, nunca é uma concepção filosófica, que possamos ligar a tal ou tal sistema, mas um ideal de atingir o homem, na sua totalidade de pensamento e da fé. Quando o povo português agiu, como quando o povo brasileiro tem tido possibilidade de agir, nunca o podemos enquadrar com qualquer escola de pensamento da Europa, da América, ou de qualquer outra. Ele foge a todas essas marcações, porque ele está incluído na própria vida e é mais rico, mais amplo de que qualquer sistema filosófico que tenha sido imaginado na Alemanha ou na França. [...] que nós podemos apresentar como sendo uma representação real, do procedimento desse povo, como não sendo uma coisa que se encaixe em tal ou tal sistema. [...] Quando procuramos, verificamos que os homens que foram para os descobrimentos não têm nenhuma filosofia. Eles não são tomistas, eles não têm a filosofia herdada da Grécia, eles nem sequer são percursores de qualquer das nossas filosofias modernas. Eles são homens que vivem, e que vivem perenemente mergulhados em alguma coisa em que corpos e espíritos se fundem, em que eles não recusam nenhum dos aspectos de corpo ou de espírito que poderia qualquer sistema filosófico. Os portugueses que vão para o mar vão dispostos a todas as aventuras de corpo e de espírito, sem saber se ela é autorizada por tal e tal filosofia. [...] Então, quando o povo português realiza a sua tarefa máxima, a par de descobrir que o universo físico é uno, é universal, diriam, é católico.»

<sup>19</sup> TEF II: “Descartes”, 269-275, 270; “Macau”, 383/384; CV2 [perspectivação]; TP II, “Educação de Portugal”, 4, 6, 8... no fundo, o texto por inteiro. MENDANHA, 62. D, “Entrevista com Agostinho da Silva”, 58.

<sup>20</sup> TP II, “Educação de Portugal”, 8, 129.

A estas pequenas comunidades humanas corresponderá uma descentralização económica e política ao jeito da tradição municipalista portuguesa, que nos chega do reinado de D. Dinis, casado com a rainha santa, que nos trouxe o culto do Espírito Santo.

O sistema judiciário também será constituído por pequenos tribunais comunitários de reduzido alcance territorial, procurando-se, deste modo, que o Bem do pai do filho pródigo suplante a justiça cega da balança matematicamente equilibrada.

O fim último destas comunidades não será a felicidade, dado que esta facilmente se converte em egoísmo e materialismo sensual. Antes a educação, que deve ser máxima para todos, desenvolvendo-se todos os esforços no sentido de cada ser humano ser liberto da escravatura do trabalho, a ponto de atingir o patamar contemplativo para o qual foi criado por Deus. É de novo o amor e a graça, retribuídos, desta vez sem a tentação da riqueza das nações.

Interessa menos saber se esta leitura tem legitimidade objectiva, se Portugal é ou foi mesmo assim – e se é ou foi o único povo com este pendor – pois que a questão não trata daquilo que é ou foi mas daquilo que se deseja que aconteça e que provavelmente foi esboçado.

O que vale mesmo a pena é saber se mais não vale seguir esta utopia que nos mantém filhos do Senhor do Universo, e Seus herdeiros – em vez do actual estado da Europa civilizada, demasiado civilizada, que no seu projecto de constituição se recusa a colocar a inspiração cristã da sua cultura para, em vez dela, falar do «bem-estar».

Não há perigo nacionalista nesta proposta repetidamente anunciada como católica. Não é o passado que determina o futuro, como já vimos, nem a cidade que define o ser humano, como já vimos também; nem é a razão analítica que vai ao leme, seja repetido.

É evidente que o título que dei a esta minha palestra tem muito sabor de brincadeira, ao gosto de Agostinho da Silva. Porém, uma coisa é certa e fácil de ser demonstrada: o santo é a figura máxima da evolução cultural na obra deste autor.

E, como espero ter deixado claro, o empenho sócio-político de Agostinho da Silva é católico não pela rama mas no enraizamento filosófico e teológico. Enquanto católico, não vejo como impensável a beatificação.